

]

## **Dança da Borboleta Azul**

### **O que eu tenho em mim? Autoestima e consciência negra**

Susana França da Costa

EMEF Dolores Alcaraz Caldas

Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre

Rio Grande do Sul

**Data de realização:** de 01/08/2019 até 20/12/2019

**Categoria:** Ensino Fundamental I

**Linguagem:** Dança

A Dança da Borboleta Azul é a culminância de um trabalho realizado com alunos entre 10 e 11 anos, da turma B12, durante o ano de 2019. Trata-se de uma turma do segundo ciclo da Escola de Ensino Fundamental Dolores Alcaraz Caldas, no bairro Restinga, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Sou professora de dança dentro do currículo de Artes, os alunos vão se ambientando à linguagem da dança desde pequenos e assim, ao longo do ensino fundamental, vão desenvolvendo uma sensibilidade para essa arte. Nem sempre foi assim, é muito difícil a dança entrar na escola através do currículo, como componente curricular - é preciso muita persistência e amor ao trabalho. Na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, houve apenas um concurso público para área da dança, dirigidos a profissionais graduados ou pós-graduados nessa arte. Foi através desse concurso que ingressei no ensino público, em 2008.

Como todo novo conhecimento que chega ao formato da escola, sempre acontece um processo de desacomodação para o que já está posto. Assim, questões como espaço físico para aulas de dança, aparelhagem de som, de imagem, espelho e tudo que compõe a ambientação do ensino da dança passa a ser disputado com todo o corpo docente, visto que até então não havia uma espera para esse tipo de atividade nas escolas públicas. Algumas, que operam com oficinas ou mesmo abordagens de professores de educação física ou afins, acabam designando um espaço com características “multi” utilização. Esse tipo de tratamento gera uma série de problemas internos que acabam muitas vezes dificultando o trabalho do professor de dança. Toco neste ponto para destacar que por ser uma presença recente no currículo, ao contrário das artes visuais, nós, profissionais da dança temos que resolver problemas de todas as ordens e torna-se comum que o assunto não seja mencionado em determinados ambientes de escrita. Mas exatamente por isso, quando se consegue atingir objetivos dentro de uma proposta, devemos afirmar que conseguimos, apesar de. Atendo crianças em turmas a partir do primeiro ano e até o sexto ano. Entro no componente curricular Artes – Dança. Após alguns anos de convivência, o gosto dos alunos floresce e eles mesmos pedem para dançar em datas comemorativas. Pedem também para dançar mais.

Nesse contexto, formamos um grupo de dança informal (que atendo em horário do recreio, ou dos meus planejamentos). São duas gerações desse grupo de dança, e atual foi formada com quase toda a turma B12 de 2019. Esse tem sido o grande gancho para reunir tudo que abordamos em sala de aula e organizarmos a partir de pesquisa e ensaios a montagem de cada trabalho. Assim surgiu o grupo de dança Sala 5, feito por alunos “teimosos”, que querem mais da dança.

Minha formação em Licenciatura em Dança foi realizada na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, em Montenegro/RS. Após, fiz Especialização em Pedagogia da Arte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na mesma instituição, concluí o Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação. Na minha formação também consta o Bacharelado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

As abordagens no currículo em Artes estão em consonância com a Base Nacional Comum Curricular, onde se busca dar relevância à sensibilidade e expressão dos alunos. E assim propõe que as crianças sejam estimuladas a criarem suas próprias formas, a partir de seus sentimentos, ideias e percepções sobre o mundo. Sempre buscando as bases de fundamentação específicas do ensino da linguagem da dança

Cabe ressaltar que um dos motivos pelo qual me inscrevi no XXI Prêmio Arte na Escola Cidadã é ter percebido o mesmo como ponte entre artistas, consumidores de arte e ambientes educativos, possibilitando a troca de experiências entre profissionais de várias esferas. E ainda considerar uma maneira de fortalecer as pesquisas, gerando a possibilidade de criação de novas produções científicas, o que qualifica a formação e a pesquisa docente. Outro fator determinante é ter a esperança que essa iniciativa não se encerra apenas no prêmio, mas como estímulo aos alunos e comunidade escolar, reverberando em outros futuros projetos que fortalecem a área do ensino das Artes e da Dança, no que tange a ensinar, aprender, criar e apreciar a produção artística.

Meu interesse ao participar deste concurso decorre da relação direta que o mesmo possui com a minha área de atuação e estudos – Artes/Dança. Como professora, atendo turmas do Ensino Fundamental – 1º ao 5º ano - na EMEF Dolores Alcaraz Caldas, situada na Rua Dr. Carlos Niederauer Hofmeister, 85, bairro Restinga, em Porto

Alegre, considerada uma das maiores dentro da Rede – também uma das mais antigas, com 63 anos de sua fundação. O bairro está localizado a 22 km do centro da cidade, Possui 60.729 habitantes, representando 4,31% da população do município. A taxa de analfabetismo é de 4,03% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,10 salários mínimos (dados de 2010, fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre e IBGE - Censo Demográfico). Os primeiros habitantes deste bairro, nos anos 50, foram retirados de uma área hoje considerada nobre em Porto Alegre, e sua maioria era formada por famílias de descendentes de escravos. Foi muito traumática para eles essa mudança. Até hoje, notam-se os imensos estragos, seja no aspecto financeiro, seja na dificuldade de acesso ao estudo e na baixa autoestima de sua juventude. Tanto que muitas escolas da Rede foram ali definidas. O público que atendemos possui uma característica de vulnerabilidade social e afetiva.

Minha formação em dança ocorreu de forma bastante diversificada, desde menina. Por exigências profissionais de meu pai, pudemos residir em diferentes cidades brasileiras, e assim fui tomando contato com as manifestações populares de cada lugar. Mas tive aquela introdução a partir do balé clássico, depois moderno, jazz. Outras danças e o contato com a arte contemporânea abriu minhas expectativas em relação ao fazer e ensinar. Gosto de ensinar desde cedo. Conclui a graduação em Jornalismo – Comunicação Social na PUC/RS, porque na época não havia ainda uma faculdade de Dança aqui em Porto Alegre, cidade na qual resido há 34 anos. Considero que uma visão expandida pelas minhas experiências e formações muito me auxiliam nas escolhas junto aos alunos.

Um dos principais objetivos é proporcionar aos alunos o contato com danças populares brasileiras, de modo que pudessem se inspirar e criar danças a partir de suas corporeidades e desejos. Desse modo, expressar seus pensamentos e nutrir sua autoestima ao se reconhecer como integrantes do povo brasileiro, com suas histórias e influências culturais de formações variadas. Abrir espaços para que somassem aos seus conhecimentos estudos de suas origens, e se orgulhando delas, valorizassem a si mesmos.

Não tenho como pretensão neste projeto reproduzir as abordagens populares tradicionais. Gosto de criar e entender cada trajetória como processos, que podem se tornar um produto para apresentação. Tenho em mim o gosto pós-moderno de não

compactuar com ordens de importância, seja entre sujeito e objeto, entre processo e produto artístico, entre representação e realidade.

A ambivalência pós-moderna instala-se a partir de sua multiplicidade, da fragmentação e justaposição de imagens, da repetição, do uso constante de referências de épocas diversas, da experimentação exaustiva, da ousadia em ironizar o *modus vivendi*, da combinação entre vários estilos, linguagens e técnicas e da relevância da arte popular. (SILVA, 2005)

Meus alunos pertencem a uma escola de periferia, em um bairro com população predominantemente negra. É comum se afastarem da corporeidade como material de expressividade, e se apegarem em matrizes reprodutivas de manifestações midiáticas. Muitos sequer saíram do seu bairro, desconhecem a imensa riqueza que reside nas manifestações culturais brasileiras.



Alunos da turma B12, Dança da Borboleta Azul

Trabalhamos muitas coisas em sala de aula, tento fazer com que entrem em contato com vídeos, imagens, de referências de várias danças, estilos, gêneros. Inclusive danças digitais, danças midiáticas. O que espero é que se lancem na experiência de colocar o corpo em outros estados, em outras atitudes.

Um dos livros disparadores foi o da Eliana Pougy, que trata de muitos aspectos da cultura brasileira, inclusive das músicas e das danças regionais, com seus folguedos e festas comemorativas. Outro livro importante é o Dança para Crianças, da

Publifolhinha, que oferece um farto material, com ilustrações coloridas, de danças de várias partes do mundo. E assim a gente se reconhece também nas danças latinas. Além disso, ofereço vídeos das danças que interessam naquele conteúdo e também incremento com meu próprio conhecimento e formação, bastante diversificado na área. Com o avanço do trabalho fomos configurando o desenho espacial de circularidade, palavra também muito utilizada em outros projetos da escola, no sentido de banir hierarquias e trabalhar temas como consciência negra. Aqui em Porto Alegre tem grupos de teatro e de dança excelentes, mas posso citar as do grupo Usina do Trabalho do Ator (UTA), especialmente a peça Dança do Tempo.

Pensei em dois conceitos que poderiam estar em consonância com as escolhas da Semana da Consciência Negra na escola, a circularidade e a resiliência. Com tenho formação em Danças Circulares Sagradas, o círculo foi algo que trabalhei com eles como um modo de não-hierarquia. No círculo todos estamos em pé de igualdade. Esse tipo de escolha ajudou no engajamento dos meninos na dança, e também amenizou disputas, o que pode muitas vezes acontecer quando se vai cristalizar, coreografar para apresentar ao público. É evidente que os jovens querem se sobressair e isso faz parte de um sistema de pensamento de disputa, não de solidariedade e acolhimento.



Obra "Roda" – Milton Dacosta - 1942

Nas danças de roda, as formas são idênticas ao conteúdo. A incômoda personalidade é neutralizada e o mundo, dividido entre sujeito e objeto, é integrado, como um, no fluxo do movimento. Através de imagens primordiais na sua totalidade, como elementos de cura, é possível equilibrar estados extremos. (WOSIEN, 2002, p. 73)

Ao mesmo tempo, lembrei que a maioria das danças populares ocorre em círculos. Essa configuração nos fez lembrar, o tempo todo, em como podemos estar em grupo em momento de grande pressão como precede uma apresentação, nos tratando respeitosamente e harmoniosamente. Dito assim, em outros contextos, pode passar por algo piegas, mas fez toda a diferença fazer essa escolha naquele momento, com aqueles jovens, que compreenderam os conceitos trabalhados ao redor de tudo que fazíamos.

Assim, brigas entre os integrantes eram dissolvidas através de um diálogo circular, esclarecedor das circunstâncias. Meninas com questões de autoestima, ao se apoiarem mutuamente, seja em questões de figurino ou mesmo de papéis e marcações dentro da dança que possui também um caráter performático, não desistiam e se nutriam de coragem para seguir adiante. Além das questões raciais, temos muitos alunos de inclusão ou com variadas dificuldades de aprendizagem. Um dos integrantes deste trabalho tem dificuldades de se expressar, mas nunca, em nenhum momento, quis deixar o grupo.

A borboleta está atrelada aos simbolismos de transformação ou renascimento em várias culturas, tanto no Ocidente como no Oriente. A azul, em especial, tenho fascinação por essa imagem desde menina. A beleza das suas asas coloridas e a delicadeza e graciosidade com que atravessa os céus trazem-nos uma mensagem de esperança e de alegria, fazendo-nos confiar que é possível passar por cima de todos os obstáculos, vivendo com beleza e pureza. Para os Gregos, a alma era representada como uma mulher com asas de borboleta. Quando alguém morria, a sua alma deixava o corpo na forma de uma borboleta que saía a voar.

A psicanálise associa a borboleta ao renascimento; na maior parte das culturas é este o seu simbolismo. Popularmente, acredita-se que ver uma borboleta anuncia uma importante transformação na nossa vida, uma visita ou (menos frequentemente) a partida de alguém. Regra geral, ela traz felicidade e renovação, lembrando que todas as coisas são passageiras, devendo ser aproveitadas no momento presente.

A lagarta que se desenvolve dentro do casulo e dá origem a uma linda borboleta de asas coloridas lembra-nos que todas as fases na nossa vida, mesmo as mais difíceis, são passagens para etapas melhores. A borboleta está ainda associada, no Cristianismo, à vida, morte e ressurreição de Cristo. Para o Espiritismo, simboliza a reencarnação.

Acredito que à medida que vivemos os desafios que a vida nos traz e os superamos, aprendemos com a experiência e transformamo-nos num ser humano melhor e mais capaz. E sempre faço danças a partir de tudo que acredito. Assim, chegamos à coreografia da Borboleta Azul, onde também há outros elementos marcadamente fortes da expressão brasileira. A música, por exemplo, é uma mescla de duas canções gravadas pela cantora Maria Betânia, Salve as folhas e Guerra no mar. Da mesma forma a opção por utilizar os balangandãs como acessórios e disparadores de movimentos estão associados às culturas populares africanas e brasileiras. Balangandã é um objeto de origem africana e seu formato tradicional era usado como amuleto. Composto por vários cordões e elementos pendentes, o balangandã recebeu esse nome pelo som que faz ao ser movimentado. Com base nesse item cultural, surgiu o brinquedo de mesmo nome, em que se prendem várias fitas a um ponto central mais pesado. Nossos balangandãs foram confeccionados pelos próprios alunos, após uma oficina feita especialmente para isso, com linhas e tiras coloridas de papel crepom em tons azuláceos e brancos, para combinar com a imensa asa de borboleta movimentada por diferentes dançantes ao centro da roda.



A EMEF Dolores me propicia algo importante: liberdade para criar. Evidentemente, procuro me engajar na movimentação da escola como um todo. A direção reconhece a



formação do grupo de dança, como resultante de um trabalho feito dentro da sala de aula. A Dança da Borboleta Azul foi finalizada para agregar às comemorações da Semana da Consciência Negra na Escola. A direção prestigia o trabalho e convida para reapresentações, inclusive fora da escola, articulando transporte para os alunos. Um dos locais de apresentação foi o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), um local gerido pela comunidade do bairro, que realizou uma mostra de vários trabalhos de dança realizados nas escolas da Restinga sobre a temática da consciência negra. As famílias dos alunos do grupo de dança apoiam suas participações de vários modos, autorizando seus ensaios, auxiliando em seus figurinos adaptados e cabelos e maquiagem. Algumas alunas já chegam de casa com a base da maquiagem pronta.

Além das aulas de dança onde ocorrem fruição de vídeos, vivências de trechos de danças pesquisadas, e também de criação em dança, o projeto começou a tomar forma ao chegarmos ao desenho espacial observado como comum em várias manifestações populares, a de um círculo com um centro dramático. Neste círculo, não há uma predominância de papéis, nem de gênero, nem de origem racial. Os ensaios então ocorreram durante a aula e também no espaço do grupo de dança formado predominantemente pelos alunos dessa turma. A borboleta azul (representada por uma menina que veste uma imensa asa de borboleta azul) é o objeto dramático do centro da roda, que inicia como lagarta através de seus movimentos, se libertando ao final com ajuda de todos os elementos da natureza. Nós criamos nossa própria dramaturgia. É importante mencionar que o grupo de dança costuma trabalhar danças midiáticas e foi desafiado a mudar a abordagem corporal para a Dança da Borboleta, o que muito os deixou felizes e surpresos!

São essas reações que alimentam nosso fazer em sala de aula, a partir disso posso pensar em “impregnar de sentidos” cada escolha por onde vou coreografar pensamentos para fazer dançar. Tomo emprestado essa expressão de “impregnar” quando Isabel Marques fala da capacidade de criar redes e estabelecer conexões.

A “impregnação” de sentidos de nossos atos cotidianos se dá na *relação crítica* e dialógica com o mundo, ela se dá entre, no entrelaçamento entre as instâncias políticas, culturais e sociais e as vivências espaçotemporais que em nós transitam. (MARQUES, 2010, p. 28)

Após cada apresentação, nós nos reunimos para avaliar o trabalho como um todo. Nesse momento, todos podem participar elogiando, criticando, dando sugestões a colegas e à professora. É um momento riquíssimo, pois fazemos nossas escolhas posteriores a partir do que foi combinado com o grupo. E o andamento do grupo se cruza com o desenvolvimento das aulas, quando o grupo se apresenta em ensaios abertos para outras turmas. E ao final dessas apresentações, é propiciado um espaço para que esses alunos bailarinos dialoguem com os alunos do público, parando para ouvir suas considerações e questões. Para mim fica a exaustão e a alegria de ter acompanhado parte de uma caminhada de conhecimento através desta arte, de ter contribuído um pouco para formar público consumidor de dança e também de futuros bailarinos. De saber que muitas vezes, tenho que me superar para estar inteira com eles, compartilhando minha experiência e também meus limites. Assim, vamos nos transformando e renascendo a cada encontro.

## Referências

Mack, Lorrie. Dança para Crianças. São Paulo, Publifolhinha, 2013.

Marques. Isabel A. Linguagem da dança: arte e ensino. 1ª ed. São Paulo: Digitexto, 2010.

Pougy, Eliana. Apis Arte, 4º. Ano: ensino fundamental, anos iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. – 2. Ed. – São Paulo: Ática, 2017.

Silva, Eliane Rodrigues. Dança e pós-modernidade / Eliane Rodrigues Silva; capa e projeto gráfico: Gabriela Nascimento – Salvador: UFBA, 2005.

Wosien, Maria-Gabriele. Dança sagrada: deuses, mitos e ciclos / tradução de Maria Leonor Rodenbach e Raphael de Haro Júnior – São Paulo: TRIOM, 2002.